

Resenha da obra “Referenciação e Ideologia: A Construção de Sentidos no Gênero Reportagem”

Josemar dos Santos¹

Rosângela Gabriel²

BORGES, Euclides Hélio de Fátima Campos. **Referenciação e ideologia: a construção de sentidos no gênero reportagem.** Londrina: Eduel, 2019, 188 p.

A obra *Referenciação e ideologia: a construção de sentidos no gênero reportagem*, de Euclides Hélio de Fátima Campos Borges, publicada em 2019 pela Editora Eduel, da Universidade Estadual de Londrina, oferece ao leitor a possibilidade de entender que os gêneros jornalísticos instauram uma relação específica com a realidade, sendo altamente persuasivos e capazes de estabelecer um elo bastante particular com seus leitores. O autor defende existir uma relação estreita entre a divulgação de um acontecimento e a intenção de, por meio do assunto, ocorrer uma motivação de alguma mudança de ideologia para desencadear determinadas ações. Com base nos estudos da Semântica Argumentativa e da Linguística Textual, o livro traz uma análise sobre os processos de referenciação, em suas diversas ramificações (anáforas diretas, indiretas e associativas, nominalizações, expressões nominais definidas e indefinidas), e os efeitos argumentativos dos adjetivos associados aos núcleos das expressões nominais.

Na obra, examina-se a relevância do processo de referenciação para a construção de sentidos, compreendida como atividade discursiva na superfície textual, e de que forma pode ser interpretada, uma vez que pode ser utilizada para disfarçar determinadas orientações argumentativas. Questiona-se, também, a imparcialidade e a objetividade do discurso jornalístico, para demonstrar como o texto de uma reportagem jornalística (nesse caso tratando de um mesmo tema), dentro de um contexto político, social e histórico, pode constituir-se em lugar da argumentação a serviço de ideologias sob diferentes perspectivas.

Já nas páginas iniciais, Borges assevera que, normalmente, na ligação entre os veículos de informação e seu público é instituída uma espécie de “contrato”, com cláusulas centrais implícitas, tais como dizer a verdade, ser objetivo e imparcial nos relatos. Assim, o produtor do discurso jornalístico, comprometido com a linha editorial, estará sempre na

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Bolsista Capes. josemarsantacruz@yahoo.com.br

² Doutora em Letras pela PUC-RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). rgabriel@unisc.br

posição de mediador entre aquilo que apresenta como verdade e o público. Entretanto, ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções.

O livro é organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, *A percepção da realidade pelas “lentes” da prática social*, Borges aborda a referenciação a partir de uma perspectiva sociocognitiva interacionista, discorrendo sobre a relação entre processos de referenciação e argumentação e os efeitos de sentido produzidos pelas expressões referenciais. Nesse processo, o autor revela que o enunciador dispõe de vários recursos linguísticos para imprimir nos referentes marcas de sua subjetividade e, com isso, tentar persuadir seus interlocutores a adotarem seu ponto de vista. As expressões referenciais constituem-se, dessa forma, em mecanismos de manobra do enunciador para validar sua opinião. Decorre que, além de referir, contribuem efetivamente para a construção de sentidos, revelam opiniões, servem a intenções de persuasão, desvelam posições ideológicas e assinalam direções argumentativas.

No segundo capítulo, *Retórica e Argumentação*, o autor apresenta um breve histórico da argumentação desde a antiguidade até o século atual. Reflete sobre persuasão e manipulação da linguagem e da orientação argumentativa dos elementos adjetivos associados aos núcleos das expressões nominais. Borges salienta que nem sempre é fácil distinguir os dois conceitos, mas afirma que a argumentação é uma atividade humana que se inicia desde que o homem, diferentemente dos animais, identifica-se com a palavra e a ela recorre para partilhar opinião, crenças e valores, na tentativa de influenciar no comportamento do outro.

Contudo, explica que a argumentação precede à retórica, sendo o ato de argumentar tão antigo quanto a língua, dada a necessidade humana de compartilhar opiniões e tentar persuadir. Desse modo, salienta que, quando o homem desenvolveu um sistema linguístico de comunicação, por consequência, também inventou a argumentação. Sobre a retórica, traz a ideia de que sua definição não consiste em uma tarefa fácil, sendo que, por isso, nem sempre é possível dar-lhe uma única definição, pois ela sempre foi flexível, voltada mais para a persuasão dos interlocutores do que para a configuração do discurso.

Todavia, ressalta que, mais importante do que definir a retórica, é reconhecer a importância de seu papel nas relações de interação social, quando as opiniões se defrontam, os interesses se revelam e as ideologias se mostram. Isso ocorre pelo fato de o homem construir sua realidade por meio da linguagem, de acordo com suas crenças e valores e, pela argumentação, buscar legitimar perante o outro a sua maneira de ver o real. Assim sendo, não há, portanto, acesso à realidade sem um recorte ideológico. É por essa razão que o autor afirma que não há discurso neutro, embora, em algumas circunstâncias, afirme-se ao contrário, como frequentemente ocorre no discurso jornalístico, por exemplo.

Nessa perspectiva, a neutralidade é apenas um mito, ou seja, o discurso que se pretende neutro e imparcial, na realidade contém uma ideologia - a da própria objetividade.

O terceiro capítulo, *Discurso da imprensa e ideologia*, apresenta um breve histórico sobre os gêneros textuais, entre eles os jornalísticos, com destaque para o gênero reportagem, em que o autor faz algumas considerações sobre o discurso da imprensa, bem como a respeito da objetividade e da subjetividade no contexto jornalístico. Para o autor, a função do texto noticioso não se limita a apenas transmitir informações de maneira imparcial e objetiva, uma vez que considera impossível abordar um tema de maneira absolutamente isenta, sem atribuir valores aos acontecimentos. Em outras palavras, toda matéria jornalística é fruto de um processo de escolhas e de filtragens que, por si só, já caracteriza a não isenção. Ocorre que o produtor do texto jornalístico dispõe de meios para conduzir a percepção do leitor para este ou para aquele ponto de sua narração, conforme seus objetivos. As palavras expandem valores, pontos de vista, conceitos, pré-conceitos e interferem nas nossas relações.

Assim, é inadmissível inferir que um fato apresentado como notícia seja somente um acontecimento apurado como verdadeiro e publicado com objetividade, sendo que, na realidade, serve para a exposição de uma ideologia. Nessa relação objetividade e subjetividade, o autor reflete que o primeiro obstáculo encontrado pelo fazer jornalístico quanto à objetividade está justamente nos critérios de noticiabilidade, em que a triagem vai desde questões técnicas até situações relacionadas a posições ideológicas do veículo de informação. Ou seja, os profissionais do jornalismo, mesmo que comprometidos com a ética da objetividade, são sempre mediadores da realidade que reportam, na medida em que o recorte que fazem do real é determinado por seus pontos de vista, colocando-se diante do seguinte paradoxo: a objetividade é subjetiva, pois em todo o relato objetivo estão subjacentes um ou mais juízos de valor, bem como a seletividade dos eventos e as prescrições ditadas à perspectiva da exposição dos fatos.

No quarto capítulo, *Análise da referenciação e de suas orientações argumentativas em textos de reportagens*, estão as análises das reportagens, seguidas de comentários sobre os mecanismos linguísticos que marcam a argumentação dos textos e os valores ideológicos identificados. Para a análise, foram selecionadas reportagens de duas revistas consideradas de maior circulação no país pela Associação Nacional de Editores de Revista (ANER), tendo a escolha das publicações ocorrido em função da linha editorial de cada uma delas - uma alinhada à direita (concebida pelo autor como de ideologia favorável à liberdade de mercado, defensora dos direitos individuais, dos poderes socialmente instituídos e das tradições culturais e valores religiosos); e outra, à esquerda (considerada pelo autor como de ideologia que sobrepõe a igualdade entre os indivíduos aos valores culturais, religiosos e de ordem moral, defensora do controle do estado sobre a economia e todos os setores da vida social).

A primeira reportagem tem como título “*Youssef: o Planalto sabia de tudo!*”, e como subtítulo “*O doleiro Alberto Youssef afirma em depoimento à Polícia Federal que o ex e a atual presidente da República não só conheciam como também usavam o esquema de corrupção na Petrobrás*”. A referida notícia foi publicada a menos de setenta e duas horas do segundo turno das eleições presidenciais, no dia 24 de outubro de 2014, cuja antecipação em dois dias de sua circulação normal apontaram para a intenção de influenciar a opinião pública e, com isso, interferir na eleição. A segunda notícia tem como título “*A democracia vence o golpe*”, tendo como subtítulo “*Dilma Roussef supera tentativa da mídia de interferir nas eleições e derrota Aécio Neves em uma disputa acirrada*”. A referida reportagem foi publicada logo após o resultado das eleições presidenciais, fazendo, inclusive, uma referência à matéria que compôs a primeira análise.

O processo de referenciação examinado nas duas publicações revelou minuciosas escolhas dos enunciadores das reportagens para a obtenção dos sentidos discursivos pretendidos, reforçando a tese de que os chamados referentes são, na verdade, objetos do discurso construídos e (reconstruídos no decorrer da interação verbal, para provocar determinadas orientações argumentativas, revelando também a posição ideológica do enunciador, conforme demonstraram os textos que foram estudados. O primeiro nitidamente contra a reeleição de Dilma Roussef, procurando associar ela (Dilma) ao caso das fraudes na Petrobrás e persuadir o leitor de que, assim se posicionando, cumpre seu dever jornalístico e, dessa forma, desempenha uma função social. Já no segundo texto analisado, há uma defesa quanto à reeleição e sua trama argumentativa procura isentar a presidente de qualquer envolvimento com a corrupção, buscando construir uma imagem positiva de Dilma, para persuadir o leitor de que reconduzi-la ao cargo foi a melhor opção.

São posições opostas acerca de um mesmo tema, com construções distintas acerca de um determinado cenário, em que os processos de referenciação servem como propostas de dizer do enunciador, determinando seu posicionamento ideológico. As estratégias retóricas empregadas nos textos demonstram que os enunciadores de ambas as reportagens, de acordo com suas posições ideológicas, empenham-se em garantir a veracidade (ou verossimilhança?) dos acontecimentos narrados, assegurados pelo *status* de membro do *quarto poder*, conceito conquistado pela imprensa nas sociedades democráticas, por apresentar-se determinada a investigar e denunciar irregularidades praticadas por políticos e combater abusos de poder de governantes.

A reportagem da revista *A* organiza as informações de modo a sustentar um discurso denunciante, visando a influenciar a formação de opinião do leitor e, assim, intervir no processo eleitoral de sucessão presidencial. Enquanto a matéria da revista *B* procura desconstruir o recorte da realidade elaborado pela primeira publicação, acusando-a, inclusive, de imprensa golpista empenhada em macular a imagem de um candidato para beneficiar outro, concomitantemente, argumentando no sentido de persuadir o leitor da

disponibilidade da presidente reeleita em solucionar os problemas de corrupção porventura comprovados.

Como contribuição, a obra de Borges demonstra que o emprego de cada palavra representa um peso distinto para determinar posições discursivas. Em ambos os casos, as escolhas lexicais utilizadas evidenciaram, por exemplo, um alto grau de subjetividade dos enunciadores, em que a escolha de uma expressão implica uma interpretação feita a partir de um dado ponto de vista. Comprovou-se, ainda, que o enunciador do texto jornalístico utiliza-se do processo de referenciação e de técnicas retóricas para dissimular suas intenções, propagar ideologias e defender seus interesses sociais.

Dessa forma, entende-se que a leitura dessa obra é de extrema relevância, pois a pesquisa realizada pelo autor possui uma abrangência bastante ampla acerca do emprego das palavras. Além do mais, o livro oferece subsídios para que novos estudos nesse campo de observação sejam realizados, uma vez que demonstra que as escolhas das expressões revelam ideologias e valores implícitos, que demandam análises interpretativas minuciosas para o seu entendimento.